



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA DA PIEDADE DA CRUZ DE SOUZA

INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

**GUARABIRA-PB
2017**

MARIA DA PIEDADE DA CRUZ DE SOUZA

INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras-Português. Orientador: Prof.º Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

GUARABIRA-PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719i Souza, Maria da Piedade da Cruz de.
Intertextualidade na obra Caim de José Saramago
[manuscrito] : / Maria da Piedade da Cruz de Souza. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Intertextualidade. 2. Paródia. 3. Literatura. 4. Caim.

21. ed. CDD 418

MARIA DA PIEDADE DA CRUZ DE SOUZA

INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

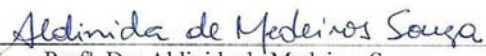
Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciada em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 07/12/17.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valões (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dra Aldinida de Medeiros Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dra. Maria Není de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha humilde e guerreira mãe,
Helena Padilha da Cruz de Souza, minha maior
inspiração, por sempre acreditar e nunca me permitir
desistir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço imensamente a Deus, minha fortaleza, minha fonte inesgotável de amor e bondade, por ter me concebido o dom de vida e me dar a cada dia que amanhece uma nova oportunidade de lutar em busca dos meus sonhos.

É chegado o momento de externar também meus sentimentos de gratidão, por todos aqueles que contribuíram em minha vida durante toda essa caminhada. Direciono estas poucas linhas, não apenas a agradecer as ações, palavras e sentimentos que me fortaleceram no percurso rumo à graduação, mas também aqueles que semearam em mim a coragem e a perseverança para lutar e nunca desistir dos meus sonhos. Reconheço que tudo o que consegui até hoje é fruto do trabalho de várias mãos e de várias mentes.

Agradeço aos meus pais Genildo e Helena, por todo amor e dedicação empenhados em minha criação. Reconheço os esforços e a motivação de ambos, na luta pela educação de seus filhos superando com muita coragem e humildade todas as dificuldades. Vocês me ensinaram com muita dignidade que o trabalho e a educação honram qualquer ser humano.

Ao meu esposo Sandro, com quem partilho minha vida. Obrigada por sua paciência e compreensão diante das minhas correrias e por seu apoio nos momentos de dificuldade. Que o amor que nos uniu durante esses 12 anos, e alicerçou mais essa conquista nos fortaleça na luta pela realização de nossos sonhos.

Ao meu amado filho Samuel, por ter me ensinado uma nova forma de amar incondicionalmente. Obrigada por mesmo tão pequeno já ter me transmitido com a inocência de uma criança lições para a vida toda. Em você encontro razões para nunca desistir.

Aos meus irmãos e demais familiares que juntamente comigo acreditaram em meu sonho e que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim e contribuíram para esta conquista. Dentre os quais agradeço de modo especial as minhas avós, pelo amor, carinho, incentivo e preocupação constante.

Aos professores, em especial ao meu orientador Eduardo Valones, pelos conhecimentos transmitidos, paciência, incentivo e amizade sincera que me possibilitaram a realização deste trabalho.

Sou grata e muito feliz por Deus ter me permitido conhecer Íris Cristina, Isadora e Rita de Cassia, pessoas tão boas com que pude construir laços de amizade verdadeira. Vocês abrilhantaram com maestria esses anos e me deram força para não desanimar.

A Lillyan Sena por seu apoio. A Isabela Cláudio, e por fim agradeço a todos os amigos e amigas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho, vocês fazem parte dessa vitória.

“Chorar o leite derramado não é tão inútil quanto se diz, é de alguma maneira instrutivo porque nos mostra a verdadeira dimensão da frivolidade de certos procedimentos humanos, por quanto se o leite se derramou, derramado está e só há que limpá-lo”. (José Saramago)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 VIDA E OBRA DE JOSÉ SARAMAGO	10
3 INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA	12
4 A BENEVOLÊNCIA DIVINA SOB A ÓTICA JUDAICO-CRISTÃ	16
5 ANÁLISE DA OBRA	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28

INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

Maria Piedade da Cruz de Souza*

RESUMO

A figura de Deus Santo, Soberano e Todo-Poderoso, apresentada pela ótica judaico-cristã e disseminada ao longo dos tempos em caráter incontestável nos contextos histórico, social e religioso, ganha no romance “Caim” nova significação sob uma nova perspectiva onde a personagem de caráter religioso benevolente altamente disseminada pela religião, assume características mais humanas. Este trabalho tem por objetivo identificar a intertextualidade bíblica no romance “Caim” de José Saramago, a partir dos autores Koch, Bentes, Cavalcante, (2008). Discorrer acerca da paródia a partir das concepções de Afonso Romano de Sant’anna (2007). Como também contextualizar a benevolência de Deus na cultura judaico-cristã por meio dos conceitos de Arthur W. Pink (1985). Além de esboçar um breve estudo sobre a vida e obra de José Saramago, enfatizando a relação do autor para com sua obra. Após traçar essas considerações almeja-se constatar que o romance “Caim” apresenta-se como uma paródia a intertextos narrados no Antigo Testamento, que se configurando através de embates dialógicos entre as personagens Deus e Caim.

Palavras-Chave: Intertextualidade. Paródia. Literatura. Caim.

ABSTRACT

The figure of the Holy God, Sovereign and Almighty, presented by the Judeo-Christian perspective and disseminated throughout the ages in an incontestable character in the historical, social and religious contexts, wins in novel "Cain" new meaning from a new perspective where the character of benevolent religious character highly disseminated by religion assumes more human characteristics. This work aims to identify biblical intertextuality in the novel "Cain" by José Saramago, from the authors Koch, Bentes, Cavalcante, (2008). Discuss about the parody from the conceptions of Afonso Romano de Sant'anna (2007). As well as contextualizing God's benevolence in Judeo-Christian culture through the concepts of Arthur W. Pink (1985). In addition to outlining a brief study on the life and work of José Saramago, emphasizing the relation of the author to his work. After tracing these considerations it is desired to note that the novel "Cain" presents itself as a parody to intertexts narrated in the Old Testament , which is configured through dialogic conflicts between the characters God and Cain.

Keywords: Intertextuality. Parody. Literature. Cain.

* Aluno de Graduação em Licenciatura plena em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: piedadecsouza@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A literatura vem ao longo dos anos servindo de instrumento de comunicação e interação entre autor e público. As correntes literárias que se formaram no decorrer dos anos vem nos mostrar que a relação autor/obra/público é um vínculo forte e transformador. Assim sendo, por meio de uma obra literária o autor consegue transmitir as suas emoções e suas percepções a respeito do mundo em que vive.

A obra literária de um determinado autor se origina das relações que o escritor tem com a sociedade em que vive, deste modo, a literatura tem como objetivo proporcionar um momento de lazer, e do mesmo modo requer do leitor um pouco mais da sua imaginação e dos sentimentos subjetivos. Diante dessa perspectiva, a literatura também leva o leitor a refletir sobre a própria sociedade em que está inserido, fazendo um auto reconhecimento das suas ações no mundo. Neste sentido, a literatura age como objeto de transformação do meio social quando o conteúdo apresentado por esta vem, por exemplo, trazer à tona problemas sociais, culturais e políticos que determinada sociedade vive.

Ao falar de literatura na contemporaneidade não se pode deixar de citar o escritor português José Saramago, esse romancista possui uma maneira cética de imprimir o mundo na construção das suas obras literárias. Logo, é possível encontrar na narrativa saramagueana a forte presença da ironia, do debate sobre questões universais, encontra-se também o ateísmo marcante na sua linguagem escrita, a constante mistura entre fantasia e/ou realidade e, um estilo inovador no uso da linguagem e na construção das narrativas.

Uma das obras mais marcante desse escritor é Caim, pois, nesta narrativa saramagueana Caim, personagem principal é destinado a andar errante e marcado na testa após o assassinato de seu irmão Abel, e inicia seu percurso na narrativa visitando vários episódios da tradição bíblica se rebelando contra a tirania divina de um Deus opressor.

Mediante estes acontecimentos destacados na narração apresentamos este trabalho em que nos propusemos a analisar, de maneira sucinta, como Deus se porta em relação a Caim. Assim, demonstrar como a personificação de Deus torna-se antagonista na vida do personagem principal, ao mesmo tempo em que o Saramago nos propõe esta ideia, faz com que o leitor desconstrua a imagem de um Deus benevolente para com o ser humano, pensamento este que é amplamente difundido pela cultura judaico- cristã.

Consequentemente, através de uma pesquisa bibliográfica foi desenvolvida uma análise literária, onde procuramos definir as respostas para o problema posto em questão por nós, ou seja, constatar a tirania de Deus, descrito por José Saramago em sua obra, portanto,

essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Para esclarecer as questões sobre o Deus da cultura judaico-cristã, intertextualidade, paródia e vida e obra do autor, visto que, nos apoiamos em Arthur W. Pink (1985), como também na Bíblia de Estudo Facilitado (2013) e Teologia do ES (2004), Santos Júnior (2008), Candido (2006), e Bíblia Viva (2010), entre outros estudos e teóricos que contribuíram significativamente para a construção desta pesquisa.

Assim, o presente trabalho se estrutura da seguinte forma, inicia-se em *Vida e Obra de José Saramago*, neste tópico faremos uma breve explanação sobre o escritor português em particular, para a melhor compreensão do leitor resumiremos também a obra a ser analisada, no caso, Caim. Seguidamente, trazemos a *Intertextualidade e Paródia*, aonde trataremos das teorias sobre como se manifesta a intertextualidade e a paródia no contexto literário, na sequência discorreremos sobre *A benevolência divina sob a ótica judaico-cristã*, e por fim, temos a *Análise da Obra*, onde abordaremos a obra de José Saramago para realizarmos a análise, já que, apresentaremos os trechos destacados da obra Caim e apresentaremos a perspectiva de Saramago sobre a relação estabelecida entre Caim e Deus.

Destacamos aqui que o presente trabalho aponta importância sobre o estudo da compreensão da intertextualidade e paródia em textos literários, particularmente em Caim de José Saramago, nota-se que o autor parodia a interação entre criador e criatura, a relação descrita por José Saramago afasta-se do que nos é apresentado pelo judaico-cristianismo. Em vista disso, esse estudo se inclina a desmistificar essas conclusões, sem ridicularizá-las, mas mostrando a possibilidade de se lançar outro ponto de vista sobre a obra original.

2 VIDA E OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

A primeiro momento, fazemos uma breve apresentação sobre o autor com o qual estamos trabalhando, tendo em vista que, o enfoque principal de uma análise é, de fato, a obra a ser estudada. Para tanto, neste trabalho buscamos realizar uma análise sobre a intertextualidade presente em Caim (obra já destacada em resumo). Compreendemos a necessidade de fazer uma breve apresentação sobre autor e obra, pois, “Sem conhecer o autor é possível interpretar sua obra, porém conhecendo, essa interpretação pode ser expandida devido ao conhecimento de mais elementos relacionados ao texto” (SANTOS JUNIOR, 2008, p. 128).

José Saramago de Souza nasceu em 1922, na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo em Portugal, filho de uma família de camponeses assumiu diversas profissões antes

de se dedicar à literatura. ganhador do Nobel da Literatura em 1998. Também foi contemplado, em 1995, com o Prémio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa. José Saramago foi considerado o responsável pelo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa.

O escritor português é autor das obras de maior destaque na contemporaneidade, escreveu mais de 30 livros, classificados entre poesia, crônica, diário, teatro, conto e romance, Saramago publicou seu último romance, *Caim*, em 2009, desta vez intertextualizando textos do Antigo Testamento.

Inclusive é conhecido seu romance *O evangelho segundo Jesus Cristo*, em que o autor reconstrói textos do Novo Testamento, apresentando a história de Jesus desde sua concepção até a crucificação, possibilitando ao leitor novas significações e interpretações.

Caim, assim como as demais obras de Saramago nos permite compreender essa relação entre o autor e as condições sociais que o mesmo pode possibilitar ao leitor através da leitura e interpretação de seu romance. Por meio de uma linguagem clara e objetiva, o mesmo incorpora novos discursos e interpretações acerca do Antigo Testamento das escrituras bíblicas que dialogam com temas atuais.

Muito embora convictamente ateu, Saramago não renega a presença da religião introduzida na sociedade. Co-relacionando autor e obra, e mais especificamente considerando sua posição mediante a relação autor e narrador destacamos aqui que,

José Saramago, uma espécie de Nietzsche da literatura contemporânea, é um humanista radical com “crença exclusiva nos seres humanos, em detrimento dos deuses,” com forte consciência do seu compromisso e engajamento sociopolítico e que usa a literatura para refletir isso. Talvez por isso ele rejeita veementemente a tese da distinção entre narrador e autor. Em diversas oportunidades ele frisa seu questionamento e rejeição dessa separação. Para ele, “a figura do narrador não existe... só o autor exerce função narrativa real na obra de ficção, qualquer que ela seja. (SANTOS JUNIOR, 2008, p. 133).

Percebe-se, então, que toda obra realizada exige a presença de um artista criador, o que anteriormente foi denominado por arte-coletiva, caracteriza-se pelas inferências da posição social do artista criador que se dissolvem conseqüentemente em ambos, (CANDIDO 2006). A partir deste questionamento, Antônio Cândido (2006), configura como inexata as dimensões de influência que tem sobre a obra, determinando ser esta originada no âmbito individual por seu criador, mas também pelas condições sociais.

O romance de José Saramago publicado em 2009 remonta o Antigo Testamento, tendo como protagonista, *Caim* filho de Adão e Eva e assassino de seu próprio irmão Abel. A personagem principal percorre as grandes escrituras bíblicas, sob a reinterpretação do autor,

passando em fluxos não cronológicos tragicômicos, Caim interage com personagens bíblicos como: Noé, Abraão, Ló, Jó, Moisés e Josué.

A narrativa apresenta inicialmente Adão e Eva no jardim do Éden, recém-criados por Deus, essas personagens que se apresentam no início da narrativa, são penalizadas consequentemente após comerem do fruto proibido originando o pecado. Expulsos do Éden e tendo que se adaptar a duras penas em uma nova vida fora do paraíso. Destinado a andar errante e marcado na testa após o assassinato de seu irmão Abel, Caim inicia seu percurso na narrativa visitando vários episódios da tradição bíblica se rebelando contra a tirania divina de um Deus opressor, “Caim é um romance paródico em que predomina a repetição com distanciamento crítico: o texto original é inserido num contexto em que sua autoridade é questionada e as atrocidades narradas são denunciadas” (ROHRIG, p. 146, 2014).

É importante salientar que,

Saramago não ridiculariza os textos bíblicos. O autor reproduz as histórias da Bíblia, repete as e cria o efeito de estranhamento justamente através da apresentação de Deus tal como ele aparece na maioria das vezes em que é mencionado no Antigo Testamento (ROHRIG, p. 142, 2014).

Aqui cabe dizer que o autor realiza uma paródia do texto bíblico, o remonta. Necessariamente isso não significa fazer chacota com o texto original.

3 INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA

O fenômeno da intertextualidade ultrapassa o âmbito da escrita. Reconhecer particularidades características de outros contextos em qualquer obra por parte do receptor torna-se uma ação comum, uma vez que não podemos desconsiderar a bagagem cultural que um indivíduo traz consigo. No entanto, nesse aspecto conforme o grau de proximidade entre o texto final e o intertexto, nem todas as interpretações coincidirão com os objetivos do autor, e poderão variar de leitor a leitor, sem o classificar em melhor ou pior.

Neste cenário surge com Kristeva, crítica literária francesa, a concepção de intertextualidade, que, mesmo quando empregada em seu sentido mais abrangente, define como necessária em qualquer obra à presença de influências de outras produções, quando nos esclarece que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações, como absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA 1974, *apud* KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p., 14).

Nesse sentido, a intertextualidade “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008 p., 17), o que torna possível identificar particularidades referentes a um ou mais escritos anteriores.

Entretanto, para se analisar o fenômeno da intertextualidade devemos inicialmente entender o conceito de texto. No âmbito da Linguística Textual, esse deixa de ser visto primariamente como uma entidade abstrata, assume, portanto, função de construção de sentidos e carrega consigo mecanismos linguísticos, cognitivos e sociais.

Após os anos 90 com a abordagem bakhtiniana² do sociocognitivismo e do interacionalismo os discursos se estabelecem e transitam através da enunciação. Sob essa perspectiva,

O texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos de discurso e as múltiplas propostas de sentido, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece [...] construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado. (KOCH 2009:9, apud. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 13).

Todavia, o texto oral ou escrito é fruto da interação de discursos, transitáveis através dos sujeitos sociais, esses discursos se incorporam na linguagem escrita através das várias possibilidades de organização. Esse processo construtivo se realiza no meio histórico/social, através de uma relação dialógica do discurso entre textos.

Na sua obra *Diálogos Possíveis*, Koch, Bentes e Cavalcante (2008), classificam os inúmeros tipos de intertextualidade conforme suas especificidades, conceituando e exemplificando cada uma delas, assim, nos é apresentado pelos autores a intertextualidade *temática*, a *estilística*, a *implícita* e a *explícita*.

A intertextualidade temática, por sua vez, refere-se ao tema central ou ao principal assunto abordado por um texto em diálogo com outros, que partilham comumente de uma mesma linha de pensamento e conceitos já estabelecidos. Nesse caso, o intertexto preservará como essência em sua significação os sentidos construídos no texto-fonte.

encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham e servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior de uma corrente teórica (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, P. 18).

Quanto à intertextualidade estilística, sua presença recorre ao estudo do estilo existente em um determinado texto. Através do uso da linguagem o autor sistematiza conforme seus

² A teoria bakhtiniana citada nas referências de KOCH 2009:9, apud. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, configura-se nos conceitos e debates de KRISTEVA 1974, apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008.

objetivos os estilos e variedades linguísticas. Conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 19), “A intertextualidade estilística ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas”, vejamos alguns exemplos:

Oração dos Programadores³

Sistema operacional que estais na memória,
 Compilado seja o vosso programa,
 Venham à tela os vossos comandos,
 Seja executada a nossa rotina,
 Assim na memória como na impressora.
 Acerto nosso de cada dia, rodai hoje
 Informai os nossos erros,
 Assim como nós informamos o que está corrigido.
 Não nos deixeis cair em looping,
 Mas livrai-nos do Dump,
 Amém.

Oração do Internauta⁴

Satélite nosso que estais no céu, acelerado seja o vosso link, venha a nós o vosso host, seja feita vossa conexão, assim em casa como no trabalho.
 O download nosso de cada dia nos dá hoje, perdoai nosso tempo perdido no chat, assim como nós perdoamos os banners de nossos provedores.
 Não nos deixeis cair a conexão e livrai-nos do Spam,
 Amém!

Configuram-se como intertextualidade estilística os exemplos anteriores, nos quais os autores mantiveram o estilo para compor suas obras, parodiando a oração bíblica do pai-nosso.

³ Koch, Bentes e Cavalcante. Diálogos Possíveis, 2008.

⁴ Koch, Bentes e Cavalcante. Diálogos Possíveis, 2008.

Comum também ao intertexto é a presença da intertextualidade explícita ou implícita, quando um texto faz referência a um ou mais textos citados dentro dele, assumindo a posição de outro enunciador em sua obra. Inclusive, caracteriza-se a intertextualidade explícita, mesmo considerando que sua posição em relação à enunciação do outro seja citada sob opiniões diferentes, o que realmente a classifica, neste caso, é a presença evidente do texto-fonte, assim como o reconhecimento atestado do mesmo, “A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 28).

Quando inserido por um autor o intertexto de outrem, sem reconhecer ou citar, configura-se a intertextualidade implícita. Nesse aspecto, a intertextualidade caminha em dois sentidos, primeiro exemplificando a plágio, onde se espera que o leitor não identifique a presença do intertexto, ou nos casos em que o autor espera que o leitor com proficiência suficiente, identifique sua existência.

Verificam-se paráfrases, mais ou menos próximas do texto-fonte: é o que Sant’Anna (1985) denomina “*intertextualidade das semelhanças*”, e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de *captação*; no segundo, incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações, de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/ negação, entre outros (*intertextualidade das diferenças*, para Sant’Anna, 1985; *subversão*, para Grésillon e Maingueneau, 1984) (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 30).

Para a construção da significação de uma narrativa por parte do leitor, é importante ressaltar que este deva ter um grau de proximidade com o texto-fonte, tanto quanto aos objetivos do autor, isso facilitará a interpretação do texto final, em casos onde se prevaleça à construção de sentidos contrários, conhecer o intertexto faz se mais necessário para a compreensão.

Por outro viés, diversos tipos de intertextualidade, originaram-se com Genette (1982, *apud*. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 119), o que outros consideram intertextualidade, o autor denomina transtextualidade, a qual se designam todas as relações dialógicas que transcendem de um texto a outro. O mesmo autor ainda subdividiu a transtextualidade em cinco tipos, dentre os quais está à hipertextualidade por derivação, em que um texto deriva de outro texto anterior através de uma transformação, de forma simples, direta, indireta, ou por imitação (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 134).

Piègay Gros (1996, *apud*. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 135), direciona as propostas de Genette para os tipos de transtextualidade que se classificariam em intertextualidade por derivação, dentre os quais destacamos a paródia. De acordo com

Genette, a paródia é uma maneira de intertextualidade por derivação, já que a mesma reproduz aspectos estilísticos de um texto em outro com propósitos comunicativos diferentes na construção de outros sentidos, alterando seu conteúdo, forma ou gênero (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 136).

De acordo com Sant'anna (2007, p. 8), “a paródia surge como um efeito metalinguístico”, uma abordagem da linguagem sobre outra linguagem. Em crescente ascensão nas obras contemporâneas, esse efeito de linguagem pode ser utilizado pelos autores a partir de textos alheios, intertextualidade, como também a partir de seus próprios textos, intratextualidade, essa por sua vez não sendo comum apenas a paródia. Sant' Anna (2007), cita um exemplo famoso de paródia em seu livro, trata-se do poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, vejamos:

Texto Original: Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Paródia: Oswald de Andrade em “Canto de regresso à pátria”

Minha terra tem palmares
Onde gorgoeja o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.
(Sant'Anna, 2007, p. 23,24)

O trecho do poema de Oswald de Andrade, exemplifica claramente a concepção de Paródia e Paráfrase, ao possibilitar a reescrita da Canção do exílio, obra de Gonçalves Dias, possibilitando introduzir com o artifício da paródia uma nova construção de sentidos nesse caso específico a escravidão no Brasil. Em oposição ao texto original, a paródia através da alteração de palavras, formas, estilos ou temáticas, traz consigo novos discursos antagônicos ao texto ou obra inicial, ou o amadurecimento dos discursos já existentes, transmitidas através de reinterpretações, que fogem do convencional.

Concluindo este item, no qual discorreremos acerca da intertextualidade e paródia, mediante suas possibilidades de ocorrências e diferentes funções estabelecidas no âmbito textual, passaremos ao próximo.

4 A BENEVOLÊNCIA DIVINA SOB A ÓTICA JUDAICO-CRISTÃ

Ao falarmos sobre “judaico-cristã”, nos referimos ao termo utilizado para remeter ao conjunto de crenças estabelecido pela cultura judaica e cristã. Este termo é oportuno também para designar o conjunto de dogmas doutrinários presentes na Bíblia, livro composto pelo Novo e Velho Testamento.

A Bíblia, geralmente conhecida como um livro sagrado pelos judeus e pelos cristãos, nos traz em seus escritos diversas histórias sobre um povo que sempre esteve sob os cuidados benevolentes de um bom Deus. “A Bíblia é um livro enorme, composto de 66 partes distintas escritas por dezenas de autores diferentes” (BÍBLIA DE ESTUDO FACILITADO, 2013), esses escritos possuem uma complexidade interpretativa, isto porque

A Bíblia é um livro singular, inspirado por Deus. Escribas, Camponeses, Filósofos, Pescadores, Estadistas, Estudiosos, Sacerdotes, Reis, Profetas, e Poetas, homens das mais diversas culturas e pertencentes às mais variadas profissões e atividades, viveram e escreveram em continentes, regiões e países distantes uns dos outros e em épocas diversas. [...], escreveram num período aproximado de 1.500 anos. Foram mais de 40 escritores que escreveram as páginas da Bíblia e notadamente vê-se a mão de Deus na sua unidade. (TEOLOGIA DO ES, 2004, p. 4).

Dentro deste acervo histórico e literário é possível encontrar descrito as características de um Deus Onisciente⁵, Onipresente⁶, Onipotente⁷ que é em sua essência poderoso, justo, benevolente, entre outros atributos enaltecidos que são retratados na narrativa bíblica.

Sobre esta complacência favorável ao ser humano, Deus é descrito como sendo essencialmente bom, portanto,

(...) Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma” (1 João 1:5). Há uma tão absoluta perfeição na natureza e no ser de Deus que nada Lhe falta, nada nEle é defeituoso, e nada se Lhe pode acrescentar para melhorá-IO. "Ele é essencialmente bom, bom em Si próprio, o que nada mais é; pois todas as criaturas só são boas pela participação e comunicação da parte de Deus. Ele é essencialmente bom; não somente bom, mas é a própria bondade: na criatura, a bondade é uma qualidade acrescentada; em Deus, é Sua essência. Ele é infinitamente bom; na criatura a bondade é uma gota apenas, mas em Deus há um oceano infinito ou um infinito ajuntamento de bondade. Ele é eterna e imutavelmente bom, porquanto Ele não pode ser menos bom do que é; (PINK, p. 43, 1985).

Dessa maneira, vemos que a definição de bondade feita por Pink (1985) a respeito desse ser superior é inquestionável, isto porque, a visão do sentimento benevolente de Deus para com o ser humano é amplamente difundida pela cultura judaico-cristã. Então, compreende-se o quanto Deus, que é em sua essência a própria bondade, trata sua criação com

⁵ Qualidade de quem tem conhecimento infinito sobre todas as coisas.

⁶ Qualidade de quem está presente em todos os lugares simultaneamente.

⁷ Qualidade de quem possui poder ilimitado, dispondo de autoridade e poder absoluto.

amor, compaixão e brandura. Deste modo, de acordo com o contexto Bíblico exposto, pode-se perceber que conceber a ideia de que Deus (o Deus estabelecido e difundido pelo imaginário judaico-cristão) possa vir desempenhar um papel antagônico na vida de um ser humano é inaceitável.

Partindo desse pensamento, surge o sentimento de dúvida no que se refere aos infortúnios e desvantagens que acontecem na vida do ser humano, se Deus em sua infinita bondade não direciona o mal para a sua criação, persiste o questionamento sobre o que ou quem o faz. Caminhando sobre esta mesma linha de pensamento, Pink (1985, p. 44), nos relata que

Não se pode com justiça pôr em questão a benignidade de Deus pelo fato de haver sofrimento e tristeza no mundo. Se o homem peca contra a bondade de Deus, se ele despreza "as riquezas da sua benignidade, e paciência e longanimidade" e, seguindo a dureza e a impenitência do seu coração entesoura para si mesmo ira para o dia da ira (Romanos 2:4-5), a quem deve culpar, senão a si próprio? Deus seria bom, se não punisse os que usam mal as Suas bênçãos, abusam da Sua benevolência e pisoteiam as Suas misericórdias? Não haverá a menor censura quanto à bondade de Deus, mas, ao contrário, a mais brilhante e modelar demonstração dela, quando Deus eliminar da terra os que quebrantaram as Suas leis, desafiam a Sua autoridade, zombam dos Seus mensageiros, escarnecem do Seu Filho e perseguem aqueles pelos quais Ele morreu.

Portanto, de acordo com a cultura, os dogmas religiosos e o pensamento judaico-cristão, existe uma lógica cabível sobre as tribulações que acontecem na vida do homem. Segundo Pink (1985), essas desventuras que ocorrem sobre a vida do ser humano e sobre a terra não seriam, portanto, responsabilidade de Deus, mas do próprio homem que se afasta da bondade e da vontade de Deus.

Mais além, neste pensamento, a bondade de Deus se aperfeiçoa quando a penalidade dos que praticam atos cruéis é validada. Isto é, quando desmorona uma série de castigos sobre os que se afastam de Deus, desdenham dos Seus mandamentos, descumprem Suas ordenanças, é considerado uma ação esperada, visto que, não é coerente esperar que venha recair benção sobre àqueles que propagaram maldição através de palavras ou atos. No pensamento judaico-cristão, é estabelecido assim uma lógica divina.

Assim, notamos que ocorre uma inserção dada à imagem de Deus a respeito das mazelas que assolam o ser humano. Deus, portanto, não é o responsável pelos atos humanos, pode-se dizer que a colheita espiritual ocorrerá de maneira objetiva, o homem é responsável por aquilo que planta, como também será responsável por aquilo que colhe, tendo este o livre arbítrio para escolher sua semente.

Ou seja, o homem possui discernimento (este dado por Deus) para fazer as escolhas de seus atos, tem conhecimento para julgar o que é “bom” e o que é ”ruim”, sabendo que suas ações atrairá para si a benevolência ou a ira divina, conhecedor desses juízos de valor que já foram pré-estabelecidos, queixar-se das mazelas da vida após ter praticado algum tipo de iniquidade é incoerente.

Falar sobre a ira⁸ divina ainda gera uma contrariedade de pensamentos, aceitar que um Deus que é por excelência bondoso, pode se irar abstendo-se de sua benevolência para com um ser humano, pode se tornar algo conflituoso, sendo assim, Arthur W. Pink (1985, p. 62) afirma que “Outros dão abrigo ao erro de pensar que a ira de Deus não é coerente com a Sua bondade, e assim procuram bani-la dos seus pensamentos”, o que vem reforçar a ideia de negação, geralmente concebida por quem é penalizado.

Contudo, ao esclarecer a ira divina o autor expõe uma justificativa muito disseminada pela cultura judaico-cristã, a ideia de que Deus não se volta com ira para o pecador, mas para o pecado. Isto é, o que vem gerar a cólera divina não é quem pratica a injustiça e a perversidade, mas a própria injustiça e a própria perversidade. Apesar disso, o autor não deixa de dizer que essa cólera é de certa forma, reportada a quem pratica o mal, assim sendo, “Deus é santo, Ele odeia todo pecado; e porque Ele odeia todo pecado, a Sua ira inflama-se contra o pecador” (PINK, 1985, p. 62).

A ira de Deus volta-se, antes de tudo, para o próprio pecado, nisto sua bondade é reforçada, pois Deus se recusa a ser conivente com a iniquidade,

Pois bem, a ira de Deus é uma perfeição divina tanto como a Sua fidelidade, o Seu poder ou a Sua misericórdia. Só pode ser assim, pois não há mácula alguma, nem o mais ligeiro defeito no caráter de Deus, porém, haveria, se nEle não houvesse "ira"! A indiferença para com o pecado é uma nódoa moral, e aquele que não o odeia é um leproso moral. Como poderia Aquele que é a soma de todas as excelências olhar com igual satisfação para a virtude e o vício, para a sabedoria e a estultícia? Como poderia Aquele que é infinitamente santo ficar indiferente ao pecado e negar-Se a manifestar a Sua "severidade" (Romanos 11:22) para com ele? Como poderia Aquele que só tem prazer no que é puro e nobre, deixar de detestar e de odiar o que é impuro e vil? [...]. Não somente não há imperfeição nenhuma em Deus, mas também não há nEle perfeição que seja menos perfeita do que outra. (PINK, 1985, 62).

Mesmo que a ira divina seja frisada, no contexto apresentado, entende-se que o que prevalece é a benevolência de Deus. Para os dogmas religiosos da cultura judaico-cristã, Deus é perfeito e sem mácula alguma já a ira, que se caracteriza como um sentimento de intenso ódio e rancor toma forma em Deus, como uma resposta à provação a tudo aquilo que é justo,

⁸ No contexto histórico descrito no Antigo Testamento a ira divina não abstêm Deus de sua bondade. Nesse aspecto temos como exemplo para melhor compreensão o profeta Moisés, que por necessidade tinha que falar rude ao povo, essa seria uma forma de linguagem adequada para se estabelecer a comunicação.

íntegro e santo. Visto de maneira mais simples e objetiva, apesar da cólera estender-se ao pecador, toda aversão divina é voltada contra a injustiça e a iniquidade, fato que dá legitimidade à sua bondade e faz com que sua benevolência seja coerente.

5 ANÁLISE DA OBRA

Com base nos conceitos anteriormente fundamentados, analisaremos a presença do intertexto bíblico, através do artifício da paródia na obra *Caim* de Saramago. Direcionaremos nossos estudos ao personagem Deus, antagônico ao protagonista Caim, por vezes apresentado na narrativa sob uma nova ótica, possibilitando assim novas interpretações. Para tal consideraremos o próprio romance, o intertexto, nesse caso lugar assumido pela Bíblia e os teóricos que fundamentaram essa pesquisa.

No romance, a imagem propagada de Deus difere do Deus Criador de todas as coisas, Soberano e Santo, presente nos textos bíblicos. Na narrativa o personagem por vezes referido por “deus” ou “senhor”, são atribuídas características humanas, o que nos leva consequentemente a subversão dos sentidos, tal qual, estão alicerçados na sabedoria popular, sob os ensinamentos judaico-cristãos.

Aplicada à intertextualidade através da paródia, podemos estabelecer uma analogia entre o romance e os intertextos bíblicos. Por se tratar de um texto-fonte, acessível à população por inúmeras vezes, quer por meio da própria leitura, ou pela assimilação através dos discursos religiosos de outros, o que sabemos com tudo é que desde a infância entendemos com os mais “experientes”, no sentido popular designado as pessoas de maior idade, que toda honra e toda glória devem voltar-se para Deus. Essa disseminação dos textos bíblicos através da forte cultura religiosa gera uma facilidade no processo de interpretação do texto parodiado, o que no caso vem a ser “Caim”.

No entanto, ler Saramago, mesmo quando parodiando a Bíblia, não pode se configurar jamais em uma leitura simplista, uma vez que, somente conhecendo a fundo os escritos bíblicos, se faz possível fazer uma releitura de um texto engendrado cultural e socialmente, na magnitude de *Caim*, dessa forma compreendemos que, “Sem dúvida a paródia deforma o texto original, subvertendo sua estrutura ou sentido” (SANT’ANNA, 2007, p. 41).

É preciso atentar, também, para o fato de o romance “Caim” ser escrito em texto corrido apresentando pouquíssimas variações tipográficas, desse modo, o leitor poderá sentir a ausência de parágrafos, travessões, pontos de exclamação, pontos de interrogação, etc. Isso, em determinados momentos da narrativa gera uma confusão para quem lê o texto, pois a falta

de sinalizações entre as falas das personagens e do narrador podem gerar um embaralhamento no processo da leitura. Sobre esse estilo de construção textual, o autor revela que seus escritos representam a oralidade, “Saramago diz que o seu texto é para ser lido em voz alta, é para ser ouvido. (...) Sua narrativa é, portanto, uma tentativa de reprodução do modo oral de narrar” (SANTOS JUNIOR, 2008, p. 132). Portanto, ao tomar conhecimento da intenção do autor em relação à sua escrita não é de se estranhar que o romance em estudo se configure de tal forma.

Devido às especificidades do texto saramagueano, as citações extraídas do romance tendem a ser um pouco mais longas, isso se faz necessário para que o leitor compreenda os diálogos estabelecidos entre as personagens, tanto quanto à contextualização das situações que serão postas em análise, isso melhorará também o corpo textual desta pesquisa que visa expor de forma concisa o relacionamento conturbado entre Deus e Caim.

Passemos, então, ao primeiro fragmento a ser analisado, nele notamos que o narrador faz uma contextualização para situar o leitor sobre o tempo e o espaço (não necessariamente cronológicos) onde acontecerá a trama, inclusive, vemos como se dá a percepção de Saramago a respeito da criação, sendo esta não uma obra imediata e divina, pelo contrário, a criação torna-se uma soma de ações confusas e desordenas feitas por Deus.

Quando o senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos em tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta, quando os outros animais, produtos, todos eles do faça-se divino, uns por meio de mugidos e rugidos, outros por roncões, chilreios, assobios e cacarejos, desfrutavam já de voz própria. Num acesso de ira, surpreendente em que tudo poderia ter solucionado com outro rápido fiat, correu para o casal e, um após o outro, sem contemplações, sem meias-medidas, enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo (SARAMAGO, 2009, p., 9.).

O trecho introdutório do romance já nos apresenta um Deus mais humanizado, passível a erros. Na trama, assim como no trecho anterior, o narrador se reporta a um Deus atrapalhado, imperfeito no que faz e que a todo o momento reconhece falhas em suas obras e tenta com novas ações saná-las. Verifica-se isto quando o mesmo volta-se a Adão e Eva e lhes acrescenta a língua para que através da fala se estabelecesse a comunicação, nisso o narrador direciona a atenção do leitor para o ato falho de Deus, atos esses que serão constantes no decorrer do romance.

Vale ressaltar que, A menção a “deus” em escrita minúscula dentro do romance saramagueano, assim como os demais personagens da narrativa, atribui ao mesmo uma nova personalidade, através dessa “identidade saramagueana”, é possível compreender que o autor imprime sua perspectiva na personagem com o efeito de emitir ao leitor que este “deus”, este

“caim”, este “adão”, esta “eva” trata-se, então, do seu ponto de vista sobre a personagem, não se refere, pois, às personagens que anteriormente foram apresentadas ao leitor através dos textos-fontes, isto é, através dos escritos bíblicos.

Assim, torna-se perceptível o nível de proximidade que o romance estabelece entre Deus e os demais personagens humanos. Mais adiante, frente às ações de Caim, percebemos que há uma inversão de papéis em que se faz possível à interpretação da humanização do divino e proximidade do humano ao divino, fato que subverte a concepção encontrada na Bíblia onde se relata que “Ele é a Rocha, e suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é.” (Deuteronômio 32:4).

Exposta essa face errante do Deus representado por Saramago, passemos a analisar os trechos, onde criador e criatura entram em confronto, onde os desentendimentos que ocorrem entre Deus e Caim tornam-se mais evidentes. A esta altura Adão e Eva desobedeceram às ordenanças divinas e foram expulsos do Paraíso sendo obrigados a viver em um ambiente mais hostil, a família formada por Adão, Eva, Caim e Abel, levam um estilo de vida rudimentar passando a sobreviver de seus próprios esforços. A seguir vemos como, através da perspectiva do narrador, Caim sente-se desprezado por Deus após ter suas oferendas rejeitadas, cansado de, apesar dos seus esforços, obter desprezo do criador e da zombaria provocada por Abel, Caim pratica o crime de homicídio contra seu irmão;

Um dia Caim pediu ao irmão que o acompanhasse a um vale próximo onde era voz corrente que se acoitava uma raposa e ali, com as suas próprias mãos, o matou a golpes de uma queixada de jumento que havia escondido antes num silvado, portanto com aleivosa pré-meditação. Foi nesse exacto momento, isto é, atrasada em relação aos acontecimentos, que a voz do senhor soou, e não só soou ela como apareceu ele. **Tanto tempo sem dar notícias, e agora aqui estava, vestido como quando expulsou do jardim do éden os infelizes pais destes dois. Tem na cabeça a coroa tripla, a mão direita empunha o ceptro, um balandrau de rico tecido cobre-o da cabeça aos pés. (SARAMAGO, 2009, p., 33-34).

A releitura do assassinato de Abel, feita por Saramago, reapresenta traços semelhantes aos versículos encontrados no livro de Genesis, quando comparados ambos os trechos denotam o mesmo espaço e personagens, no entanto, reescrevem parodisticamente aos personagens Caim e Deus os desviando do sentido original no intertexto, mediante suas ações. As características com as quais esse ser supremo em bondade infinita é descrito na narrativa em nada convergem com as escrituras bíblicas onde Deus desdenha da vulga ação de ostentar riquezas materiais, pregando sempre a humildade para com os seus.

A conversação estabelecida entre ambos após o assassinato de Abel, na tentativa de esclarecer e julgar o verdadeiro culpado por tal cruel ato, introduz o embate por vezes travado pelos personagens durante a narrativa.

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e Caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pões à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que Abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, Caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse Caim, (SARAMAGO, 2009, p., 34-35).

No exemplo extraído, podemos notar um fervoroso diálogo entre Deus e Caim, transtornado por se encontrar em uma situação extrema, este acaba de matar seu irmão. Caim não mede argumentos para culpabilizar Deus pelos seus atos. É notável a sagacidade que o narrador injeta na fala e na postura de Deus em relação a Caim e a situação como um todo. Um dos pontos altos desse embate paira sobre a justificativa utilizada por Caim ao dizer que Deus também torna-se cúmplice do assassinato de seu irmão, sendo que este, onipotente, possuía meios para que impedisse o assassinato de Abel mas não o fez.

Muito bem se configurou ao longo da narrativa a sentença determinada por Deus para Caim, de que este andaria errante pelo mundo, o que não previu o Senhor, foi que Caim não seria apenas um mero telespectador nessa história, por vezes o Caim assassino de seu irmão Abel, meteu-se nas ações do Senhor, que segundo Caim, de Santo e Soberano nada tem.

Na narrativa, Deus exalta sua soberania como detentor de todas as criaturas e na sequência Caim alega ser o detentor de si e de sua liberdade, atestando que se Deus fosse realmente dono de sua liberdade consequentemente também seria responsável por suas ações, e, portanto também culpado pela morte de Abel.

E esse sangue reclama vingança, insistiu deus, Se é assim, vingar-te-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explica-te, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fala, E simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres

dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devessem carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou Caim, mal acreditando no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel, Reconheces então a tua parte de culpa, Reconheço, mas não o digas a ninguém, será um segredo entre deus e caim (SARAMAGO, 2009, p. 35).

Neste momento, notamos que ambas as personagens utilizam-se de suas “armas” para se defender, isto é suas justificativas pessoais. Caim não admite levar sobre si toda a culpa da morte de Abel, já Deus não sente-se culpado por não ser o executor. Trava-se, então, um embate circunstanciado por acusações e defesas marcadas pela insistência de Caim. Por fim, ambos em comum acordo, configuram-se culpados por tal crime. Percebemos ainda que a personagem Caim exalta sua incredulidade em Deus, o assassinato configura-se como sendo não apenas de seu irmão, uma vez que intencionalmente sobre as ações de Caim também pairava o sentimento de vingança a Deus, portanto morre juntamente a Abel qualquer crença em Deus que a personagem tenha contemplado.

No próximo segmento, nos deparamos com mais um diálogo de Caim, dessa vez com dois anjos. Neste momento da narrativa, Caim toma conhecimento sobre as penalidades que irão sobrevir na vida de Job e de sua família, ao se deparar com tal situação, Caim manifesta-se negativamente sobre o posicionamento de Deus, atestando que não há justiça neste feito, visto que Deus provocará o sofrimento de um homem inocente só porque precisa comprovar para Satã que está certo à respeito da personalidade de Job. Caim repudia o ato e afirma que Deus e o Diabo compactuam como apostadores.

Estou cansado da lengalenga de que os desígnios do senhor são inescrutáveis, respondeu caim, deus deveria ser transparente e límpido como cristal em lugar desta contínua assombração, deste constante medo, enfim, deus não nos ama, Foi ele quem te deu a vida, A vida deram-na meu pai e minha mãe, juntaram a carne à carne e eu nasci. não consta que deus estivesse presente no acto, Deus está em todo o lado, Sobretudo quando manda matar, uma só criança das que morreram feitas tições em sodoma bastaria para o condenar sem remissão, mas a justiça, para deus, é uma palavra vã, agora vai fazer sofrer job por causa de uma aposta e ninguém lhe pedirá contas, Cuidado, caim, falas de mais, o senhor está a ouvir-te e tarde ou cedo te castigará, O senhor não ouve, o senhor é surdo, por toda a parte se lhe levantam súplicas, são pobres, infelizes, desgraçados, todos a implorar o remédio que o mundo lhes negou, e o senhor vira-lhes as costas, começou por fazer uma aliança com os hebreus e agora fez um pacto com o diabo, para isto não valia a pena haver deus. (SARAMAGO, 2009, p., 135, 136).

Diferentemente do que prega a cultura judaico-cristã, Caim se opõe ao pensamento de que tudo o que Deus faz é perfeito, nos dogmas religiosos dessa cultura monoteísta constatar que há defeitos no Deus todo-poderoso é inconcebível, a Bíblia, livro que, como já foi dito

anteriormente, rege os preceitos doutrinários do judaico-cristianismo, relata em Salmos 23:3 que o Senhor nos faz andar pelas “veredas da justiça” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p., 467), e em Salmos 25:10 os caminhos do Senhor são descritos como “caminhos de amor e fidelidade” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010. P., 467).

A personagem principal do romance de José Saramago descontrói essa afirmação religiosa ao determinar que os caminhos traçados por Deus não passam de uma “contínua assombração”, indo além disso, através de um discurso veemente, nega a afirmativa antiga de que Deus é bom, Caim não reconhece a bondade de Deus, longe disso, apoiando-se nas próprias ações divinas, as quais Caim julga serem cruéis, encontra argumentos para constatar a perversidade de um Deus antagonico que agiu e age não só em sua vida como também na vida de Job.

Mais uma vez constatamos a intertextualidade através da absorção da personagem Caim na narrativa. Presente nos escritos bíblicos apenas em Genesis, sua presença no romance como ator e telespectador, mais uma vez presente nos episódios de crueldade de Deus, acarreta a transformação da história. Essa transformação das partes para a compreensão do todo no processo de construção dos sentidos, caracterizam-se como paródia.

Chegando ao fim da narrativa, Deus tem um novo encontro com Caim, encontro esse inesperado por sinal, uma vez que após o dilúvio ter dizimado toda a humanidade, Deus esperava após os quarenta dias e quarentas noites de chuva, ao seu chamado, ver sair da arca ao seu encontro Noé e sua família, juntamente com os pares, macho e fêmea de cada espécie de animais por ele criados para repovoar a terra e assim conceber a nova humanidade, cuja qual havia prometido. Assim seria se estivéssemos lendo Genesis e não Caim, no romance em estudo, ao seu chamado saíram da arca todas as espécies de animais, no entanto, Noé e sua família não se encontravam mais vivos, apenas Caim saiu da arca de encontro a Deus. O último diálogo do texto entre os dois será marcado por mais um entrave.

Vindo do escuro interior da arca, caim apareceu no limiar da grande porta, Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, respondeu caim, Mortos, como, mortos, porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste Abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio. Depois caim disse, Agora já podes matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorarte a carne (SARAMAGO, 2009, p., 172).

Neste momento final do romance, Caim expõe diante da face do Senhor as inúmeras falhas que nele vê. O diálogo torna-se constrangedor ao ponto de gerar silêncio entre os interlocutores, convicto das percepções que tem a respeito de Deus, Caim procura puni-lo de alguma maneira, desta forma mata a família de Noé com o intuito de frustrar os planos de Deus sobre repovoar a terra. A fala da personagem mais uma vez refuta um dos conceitos religiosos disseminados pelo judaico-cristianismo, a ideia de um Deus Santo e sem mácula é posta em questão de maneira grosseira, não há meia voltas, não há insinuações, Caim abruptamente expõe os atos cruéis praticados pelo Senhor, assim, quando Caim traz à memória as crianças mortas em Sodoma, anula os argumentos para a auto justificação do criador e faz calar a Deus.

É notável que nos escritos bíblicos a benevolência, a justiça, a fidelidade e o amor de Deus são exaltados. No livro de Jeremias, por exemplo, se atesta também que os pensamentos de Deus para com seu povo são pensamentos de paz e não de mal (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010), entretanto, durante toda a narrativa, Caim aponta a perversidade com a qual Deus trata as questões da humanidade, inicialmente apresenta uma criação mal articulada e defeituosa, expõe Deus como um apostador, como um ser que beneficia a si próprio através de barganhas, desprovido de misericórdia e perdão.

Deste modo, perceber as situações de paródia em um texto, nos leva a identificar quais propósitos almejou o autor, ao retrabalhar o texto-fonte reinventado seu conteúdo. Nesse caso, em Caim pelo artifício da paródia Saramago configura novas funções discursivas, enfatizando a tragédia e o cômico paralelamente. Há de se identificar as semelhanças e diferenças entre ambos os textos para finalmente compreender o grau de modificação que o autor alcançou através de sua percepção em relação ao texto-fonte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho procuramos a princípio realizar uma pesquisa bibliográfica tendo como maior finalidade evidenciar a intertextualidade e a paródia contida no romance Caim de José Saramago, já que o autor utiliza a história narrada na Bíblia como texto-fonte criando assim o apoio necessário para construir a sua narrativa. Nesse contexto na pesquisa salienta-se o relacionamento extremamente conturbado que foi estabelecido entre a personagem principal, Caim, e Deus.

Dessa forma, foi possível constatar que dentro dos dogmas religiosos estabelecidos pela cultura judaico-cristã, a imagem de Deus é pensada como sendo O Deus todo-poderoso cheio de misericórdia e amor para com a humanidade, um Deus cuja benevolência está intrinsecamente ligada à sua personalidade, através da intertextualidade Saramago inverte parodisticamente o papel de Deus em seu romance colocando-o em lugar de antagonista na vida de Caim e de outras personagens bíblicas que aparecem no decorrer da trama.

Com isso, percebemos que o escritor português desmistifica a imagem de Deus usando o primeiro homem transgressor para apontar os atos falhos do Criador, numa narrativa que não possui a mesma cronologia bíblica, Caim torna-se espectador e participante na vida de outras personagens que são penalizadas por Deus.

Para a construção deste trabalho foi necessário realizar leituras de cunho teológico para que pudéssemos compreender melhor a imagem de Deus dentro do judaico-cristianismo, tanto quanto as leituras a respeito de intertextualidade e paródia, ambos os campos de estudos foram importantes para o aprimoramento e crescimento do nosso conhecimento pessoal como também para a execução da análise.

Isto posto, é importante salientar que trabalhos que avaliem as escrituras sagradas por um viés literário e/ou histórico sejam abordados com mais frequência para que os escritos bíblicos possam ser analisados sobre outro ponto de vista, além do teológico. Isso reforçará a ideia de que o conteúdo bíblico possui textos passíveis a diversas interpretações e análises, ao invés de apenas se deter em dogmas doutrinários pré-estabelecidos culturalmente.

A análise realizada vem contribuir possibilitando uma compreensão de que conceber a paródia em um texto requer aceitar uma nova postura discursiva frente ao texto-fonte. Não queremos com isso mudar o que antes estava concebido culturalmente e difundido em discursos anteriores no intertexto, mas sim enxergar o próprio texto, como algo mutável entendendo que a leitura de ambos os textos não qualificam um melhor que outro, mais as especificidades contidas neles, de certa forma, os diferenciam.

REFERÊNCIAS

Bíblia de estudo facilitado / notas de Philip Yancey e Tim Stafford; traduzido por Daniel Faria. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Uro sobre Azul, 2006. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade-1.pdf/view>. Acesso em 14 de novembro de 2017.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M.; **Intertextualidade diálogos possíveis**. ed. 2. São Paulo: Cortez, 2008.

NOVA BÍBLIA VIVA – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PINK, Arthur W. **Os atributos de Deus**. [S. l.]: Ed. PES, 1985. Disponível em: <<http://ipbfo.org.br/ebooks/A.%20W.%20Pink%20%20Os%20Atributos%20de%20Deus.pdf>>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.

ROHRIG, Maiquel. **A violência divina denunciada nos romances de José Saramago**. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 02, p. 141-157, jul./dez. 2014.

SANT'ANNA, Afonso Romano. **Paródia, Paráfrase & cia**. -8.ed.-, São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS JÚNIOR, Reginaldo José dos. **A plausibilidade da interpretação da religião pela literatura: uma proposta fundamentada em Paul Ricoeur e Mikhail Bakhtin exemplificada com José Saramago**. São Bernardo do Campo, 2008, 205p. Tese (doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/454/1/Reginaldo+Jose+dos+Santos+Junior.pdf>>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

SARAMAGO, J.; **Caim**. São Paulo: Schwarcz S. A. 2013.

TEOLOGIA DO ES, Escola de – Título original: **Introdução Bíblica: Visão panorâmica e aspectos da formação da Bíblia** – Espírito Santo: ESUTES, 2004.